

ANTECIPAÇÕES KIERKEGAARDIANAS DA ANGÚSTIA LACANIANA

*Caio Paiva Vaz Sampaio Ribeiro*⁸

*“Na angústia, mostra-te forte e corajoso e
domesmomodosabiamenterecolherásasenfundadas
velas, quando o vento for demasiado propício.”*
Horácio, Odes II, 10

I O que não se pode deixar de dizer

Sabidamente não foi Lacan o primeiro a falar do hoje tão solicitado e temido tema da angústia, mas também não teve início em Freud essa discussão, muito menos é sua investigação prerrogativa exclusiva ou mesmo própria da Psicanálise ou mesmo da Psicologia. Talvez não consigamos jamais determinar com um grau acurado de certeza os primórdios de onde possa ter surgido de fato a primeira reflexão (sistemática ou não) sobre os fundamentos dessa dimensão da experiência humana. O que podemos fazer é pelo menos tentar situar para ela um ponto no tempo, seja ele recente ou não, em que adquiriu as proporções e os moldes próprios àqueles os quais constatamos nos mais recentes desdobramentos dessas discussões, a saber: dos períodos moderno e contemporâneo. Ora, esse ponto é certamente a filosofia da existência de Søren Kierkegaard. Assim, em franco

⁸ Estudante de Filosofia pela UFBA e é membro do Seminário de Introdução à Teoria Psicanalítica (SIPSI); colunista e editor-chefe da revista O Odisseu e editor da revista NÓ\$.

reconhecimento a este caráter fulcral do pensamento kierkegaardiano e já com certa suspeita diante do termo “existencialista” como caracterizador desta tradição dirá notadamente Lacan na primeira aula de seu *Seminário X*, em que tematiza propriamente a angústia:

Assim, se vocês souberem arranjar-se com a angústia, isso já nos fará avançar para tentar ver como. E eu mesmo não poderia produzi-la sem arranjá-la de algum modo. Talvez isso seja um obstáculo. Não convém que eu a arranje depressa demais. O que também não quer dizer que, de algum modo, por algum jogo psicodramático, deva ser meu objetivo lançá-los na angústia — com o jogo de palavras que já fiz com o *je* [Eu] de *jeter* [lançar].

Todos sabem que a projeção do Eu [*je*] numa introdução à angústia é ambição, há algum tempo, de uma filosofia chamada existencialista. Não faltam referências, de Kierkegaard a Gabriel Marcel, Chestov, Berdiaev e alguns outros. Nem todas têm o mesmo lugar nem são igualmente utilizáveis. Mas faço questão de dizer, no início deste discurso, que essa filosofia — na medida em que, desde seu líder, o primeiro a ser nomeado, até aqueles cujos nomes enunciei depois, ela registra incontestavelmente uma certa degradação —, parece-me vê-la marcada por uma certa desordem, diria eu, em relação à referência em que confiou na mesma época o movimento do pensamento, qual seja, a referência à história. É de um desarvoramento, no sentido etimológico da palavra, em relação a essa referência, que nasce e se precipita a reflexão existencialista. (Lacan, 2005, p. 15)

Vê-se aí claramente a anterioridade (e não apenas cronológica!) que Lacan atribui a Kierkegaard em relação à “reflexão existencialista” que viria a se desenvolver e consolidar-se pro-

priamente apenas cem anos depois do período de atividade deste autor e pensador dinamarquês. Aqui, é importante ressaltar, estabelece-se uma ponte entre esse pensamento, o qual poderia se dizer que arriscava soçobrar e desaparecer sob as turbulentas águas do século XIX, século tão conturbado quanto determinante para situar os rumos do que chamamos de modernidade, e seus desenvolvimentos na filosofia contemporânea, a saber: a relação com o conceito e noção de Eu e com os conceitos referentes à projeção, à expectativa de criar-se e constituir-se a partir de algo além do que a natureza ou o simplesmente-dado nos oferece. Assim, o conceito de Eu, o qual era tão caro aos autores do Idealismo Alemão como Fichte e Hegel, não dava mais tantos frutos quanto uma vez já se pôde constatar nesse anterior século, no qual sua certeza e solidez amparava e orientava majoritariamente as grandes filosofias da época (basta ler cinco páginas quaisquer da *magnum opus* de Fichte a *Wissenschaftslehre* para se compreender esse fato!), e para além dele havia esse aspecto projetivo no qual se fiaram os continuadores dessa tradição como Sartre com seu conceito de *projeto* e Heidegger com seu *estar-lançado* [*Geworfenheit*].

Lacan certamente acompanha esse movimento de abandono do Eu como fundamento teórico, que se deu inicialmente como uma rejeição psicanalítica da proposta de “fortalecimento do Eu” por parte dos analistas pós-freudianos de sua época, mas cuja posição receberá também posteriormente um fundo filosófico. Porém não bastou, para este fim, filiar-se aos seus contemporâneos, o que ele fez certamente e mais do que talvez ele tenha se proposto a admitir. Não: era necessário, como soía ele fazer, mergulhar na raiz daquele pensamento cujos vigorosos ramos constatava no presente como consequência; era necessário ope-

rar um “retorno”, e nesse caso o retorno situa em Kierkegaard seu ponto de referência. Não é despropositadamente então que afirma já na aula final de seu Seminário, em gesto quase apologético:

No nível do embaraço, o que chamaremos legitimamente de conceito de angústia. Não sei se todos se dão conta da audácia exibida por Kierkegaard com esse termo. O que pode significar isso senão que a verdadeira captura do real é, quer a função do conceito seja segundo Hegel, isto é, a captura simbólica, quer a que nos é dada pela angústia, única apreensão derradeira de toda a realidade como tal, e que é preciso escolher entre as duas?

O conceito de angústia só surge como tal, portanto, no limite, e surge de uma meditação que nada nos indica que não venha a deparar muito cedo com uma trava. Mas o que nos importa é apenas encontrar aqui uma confirmação das verdades que já abordamos por outras vertentes. (Lacan, 2005, p. 362)

Deixa-se entrever, portanto, não apenas o elogio e a função da teorização kierkegaardiana acerca da angústia dentro do enquadramento que faz Lacan, mas também sua situação em relação à visão hegeliana do conceito. Por isso, há dois modos completamente distintos de apreensão da realidade: um pela via simbólica, que é a via da abertura do conceito e da categoria de mediação, e outra pela via real, que é a via da angústia propriamente dita e da categoria de síntese. A primeira é a via optada por Hegel, a segunda é a via trilhada por Kierkegaard. Assim, este, ao criticar duramente aquele em seus escritos, cria uma linha de demarcação entre a sua forma de conceituação e a hegeliana, e essa tensão será usada ao longo de todo o *Seminário X* a fim de esclarecer os dois espectros teóricos aqui empregados,

mas sem aparentemente se filiar a nenhum deles em particular; de tal modo isto se faz presente que Lacan chega a afirmar que Kierkegaard dá a verdade da formulação hegeliana (*ibidem*, p. 35).

Não obstante, é impossível, por se tratar de um conceito que é ao filósofo dinamarquês tão caro, deixar de traçar os paralelos ou ao menos os pontos incipientes que Lacan importa do seu âmbito original, a saber, de uma discussão teológico-filosófica sobre a angústia em oposição ao dogma cristão do pecado hereditário (Kierkegaard, 2013, p. 16). Nessa discussão mesma, contudo, já se deixam entrever também muitos aspectos da angústia e do seu tratamento psicanalítico posterior naquilo que ora denomina-se “antecipações”. Trata-se agora de analisá-las.

II O que não se pode pressupor

A primeira antecipação à teoria lacaniana advinda de Kierkegaard é certamente a sua crítica à psicologia, pois, conquanto ainda se pautar em algum nível nela para o operar e clarificar as suas posições a respeito da angústia, ele faz questão já na introdução ao *Conceito de Angústia* de mostrar que a exposição que quer operar aponta para além do âmbito da psicologia. Assim, adentrando no âmbito da análise do pecado, que representa para Kierkegaard um salto qualitativo — *i.e.*, que não pode ser explicado por uma mera alteração quantitativa, pois ele não está dado de antemão, mas meramente sua possibilidade — diz:

Aquilo que a Psicologia deve ter por objeto há de ser algo de estável, que permanece numa tranquilidade em movimento, não algo de instável, que constantemente se produz a si mesmo ou é reprimido. Mas o elemento estável, de onde surge constantemente o pecado, não por

necessidade (pois um devir é um estado, como, por exemplo, é um estado toda a história da planta), mas com liberdade, esse elemento permanente, essa pressuposição disponente, a possibilidade real do pecado este é um objeto para o interesse da Psicologia. O que pode ocupar a psicologia, e aquilo com que ela pode ocupar-se é: como o pecado pode surgir, e não: que ele surge. Ela pode em seu interesse psicológico levar a coisa tão longe que é como se o pecado já existisse; mas o ponto seguinte, quer dizer, que ele já esteja aí, é qualitativamente diferente disso. De que modo então aquela pressuposição se mostra como se alastrando sempre mais ante a contemplação e a observação psicológicas cuidadosas, isto é do interesse da Psicologia, sim, a Psicologia gostaria de entregar-se à ilusão de que o pecado já está aí. Mas esta última ilusão é a impotência da Psicologia, que mostra que a Psicologia já se exauriu. (Kierkegaard, 2013, p. 23-4)

Com efeito, já vemos aqui nascer os primeiros ramos de uma crítica contundente à Psicologia, uma vez que apontada a sua fundamental fraqueza: a necessidade de se fiar num elemento estável, repetível, constante e quantificável a fim de fixar um objeto de investigação. O pecado só deve ser, portanto, entendido aqui, tendo em vista a finalidade da atual exposição, como a possibilidade no humano de sempre agir de modo diverso daquilo que dele se espera, o que é dado por um simples e insondável fator: a nossa liberdade. Assim, o sujeito (e é nisso que Lacan se apoiará fortemente) é aquele que tem de inventar para si toda vez aquilo que nele gera a sua angústia, nesse caso: inventar seu próprio pecado. Mas isto, como afirma Kierkegaard acima, se deixado às mãos da Psicologia, criará sempre a ilusão de que a origem (se é que se pode falar em “origem”!) da angústia é e sempre será uma mesma coisa, um mesmo objeto que já está posto de antemão,

o que simplesmente não se deixa comprovar. A investigação da angústia tem de, portanto, direcionar-se a outro âmbito a fim de fundamentar-se: ela tem de ir até o âmbito da Dogmática, que nada mais é que a área da teologia que sistematiza as verdades reveladas por Deus.

Similarmente, no *Seminário X*, Lacan apresenta também a insuficiência da psicologia com a grandiloquência que lhe é costumeira:

Não tomei o caminho dogmático de fazer com que uma teoria geral dos afetos precedesse o que tenho a lhes dizer da angústia. Por quê? Porque aqui não somos psicólogos, somos psicanalistas.

Não lhes desenvolvo um *psico-logia*, discurso sobre a realidade irreal a que chamamos psique, mas sobre uma práxis que merece um nome: *erotologia*. Trata-se do desejo. E o afeto através do qual somos solicitados, talvez, a fazer surgir tudo que esse discurso comporta como consequência para a teoria dos afetos, consequência não geral, mas universal, é a angústia. (Lacan, 2005, p. 23-4)

Há que se ressaltar, contudo, que ainda que partam de uma crítica semelhante ambos os autores propriamente percorrem trajetos muito distintos: enquanto Kierkegaard permanece de início na Psicologia (que em sua época, vale ressaltar, ainda era entendida como “ciência do espírito subjetivo” e era uma área propriamente da Filosofia) para falar sobre a angústia para somente então dela escapar por meio de um recurso à Dogmática, Lacan já nega de início qualquer recurso à psicologia e decide já começar de um ponto de partida nada dogmático, o qual caracteriza pelo neologismo *erotologia* (do Grego *Ἔρως [Éros]*, desejo,

e *λόγος* [*lógos*013, p. 14) — para sustentar que aquele Eu citado acima, o que Kierkegaard chama, na verdade, de *Selv* (corresponde ao *self* inglês e ao *Selbst* alemão e que seria melhor traduzido pela expressão “*si-mesmo*”, doravante utilizada) é ele mesmo uma síntese entre dois termos opostos, a saber, finito e infinito ou então possível e impossível, a qual só pode ser garantida por algo que está fora de si mesmo, a saber: seu criador, que é Deus (Kierkegaard, 2010, p. 27); Lacan meramente se utiliza da experiência analítica iniciada por Freud para apontar uma dimensão irreduzível do sujeito, à qual este deve de algum modo prestar contas a fim de estabilizar-se: a dimensão do desejo, cujo Outro não cria, nem tampouco sustenta, mas meramente constitui.

O que se relaciona em Lacan intimamente com a angústia, portanto, não é o pecado ou seu desconhecimento, ao qual dá Kierkegaard o nome de inocência (pois Deus aqui nada mais é do que algo que pode ocupar o lugar do Outro), mas sim uma relação igualmente ambígua: uma relação de ignorância, a qual tomará na psicanálise a forma do inconsciente, pois “[...] o Outro existe como inconsciência constituída como tal” (Lacan, 2005, p. 32). Isto nos leva ao segundo ponto a ser discutido: a antecipação estrutural da angústia operada também já em Kierkegaard.

III O que o objeto da angústia não é

É ao tratar diretamente a angústia como conceito (a angústia e seu conceito são coisas diversas) que se origina da perda da inocência no momento do salto qualitativo do pecado, conceito este que Lacan caracterizou acima como uma “captura do real”, que afirmará Kierkegaard:

Assim como a relação da angústia com seu objeto, com algo que nada é (a linguagem usual também diz concisamente: angustiar-se por nada), é inteiramente ambígua, assim também a passagem que se pode fazer aqui da inocência para a culpa será precisamente tão dialética, que mostrará que a explicação é, como deve ser, psicológica. O salto qualitativo está fora de toda a ambiguidade, mas aquele que pela angústia torna-se culpado é contudo inocente, pois não foi ele mesmo, mas a angústia, um poder estranho, que se apoderou dele, um poder que ele não amava, diante do qual, pelo contrário se angustiava — e, não obstante, indubitavelmente é culpado, pois afundou na angústia, que contudo amava enquanto temia. Não há nada no mundo mais ambíguo, e, por isso mesmo, é esta única explicação psicológica enquanto que, para repeti-lo mais uma vez, nunca lhe ocorre querer que esta explicação explique o salto qualitativo. Qualquer representação que mostre que a proibição incitou o homem a pecar ou que o tentador o enganou só tem a ambiguidade suficiente para uma observação superficial; ela desfigura a Ética, reduz o salto qualitativo a momentos quantitativos e, com ajuda da Psicologia e à custa da Ética, quer dizer um cumprimento ao homem, cumprimento que qualquer um que esteja desenvolvido eticamente há de declinar como uma nova e ainda mais perigosa tentação. (Kierkegaard, 2013, p. 46-7)

Deixando de lado as questões propriamente teológicas e, por assim dizer, “dogmáticas” ensejadas pela discussão deste trecho, fica claro, ainda assim, que estamos diante de um tensionamento do sujeito diante de uma questão inevitável que, ainda que certamente seja em Kierkegaard ao desespero que se conduza essa ruptura subjetiva a ser desenvolvido na obra posterior *Doença para a morte*, readmite novamente aquilo que virá a se tornar a formulação lacaniana. Certamente se observam res-

quícios daquela posição reforçada por Freud (e até mesmo por Lacan em momentos anteriores de seu Seminários) de que a angústia seria uma mera variante do medo, a qual não teria, no entanto, nenhum objeto fixo e determinado; com essa singular passagem já começa a se dissipar e dar lugar a uma dimensão muito mais profunda da angústia, sua ambiguidade fundamental a qual lhe dá a possibilidade de ser ao mesmo tempo “*uma antipatia simpática e uma simpatia antipática*” (*ibidem.*): ela é concomitantemente interior e exterior ao sujeito que a experiencia e que é por isso mesmo atraído e repellido por ela a agir, de tal modo que não há nada, muito menos uma ciência ou saber externo a nós mesmos, que possa fornecer uma explicação satisfatória para fazermos o que nos angustia e nem para nos angustiarmos com o que fazemos (aqui a Psicologia acumula sob sua égide incontáveis falhas!).

É neste exato ponto que entra Lacan em cena e aponta para o que não estando lá claramente, estava mais que pedindo para ser observado: sua noção de objeto *a*. Esta, segundo ele, não nos aponta exatamente para aquilo que somos enquanto um “eu” (pois este é só um momento daquilo que nos constitui) nem para aquilo que não somos e que, portanto, não nos diz respeito (é nisso que justifica sua nomeação como objeto), mas sim para um ponto parcial e limítrofe entre essas duas coisas: aquilo que o desejo do Outro vorazmente encara e busca presumivelmente pregar e que, por essa razão, é um objeto tão intimamente meu que passo até a me identificar com ele sem de fato sê-lo, razão pela qual busco tê-lo antes de tudo. A angústia, portanto, surge propriamente de não ter acesso imediato (e sequer possível ou mesmo efetivo!) ao que esse desejo do Outro pelo qual se é atravessado de fato tem planejado para nós, caso consigamos aquilo

que procuramos com nosso próprio desejo: por isso, o objeto *a* está em constante disputa e é ao mesmo tempo causa do desejo e da angústia — perdê-lo seria o fim, tê-lo seria o fim.

Assim, apesar de ter apontado para o objeto da angústia como o próprio nada, não deixou de mostrar a profunda ambiguidade dessa relação, a qual abre a possibilidade tanto para “ser nada” quanto “não ser nada” (ambiguidade esta muito bem acolhida pela língua portuguesa e sua muito familiar dupla negação). A antecipação de Kierkegaard nesse ponto está, com efeito, em não permitir à angústia ser reduzida a nenhuma explicação casuística empírica ou racionalmente determinada, em abrir as portas para o ponto de tensionamento do sujeito de tal modo a mostrar a irreduzibilidade da existência a nenhum caráter psicológico, lógico ou mesmo ontológico: já se levanta aqui, portanto, a necessidade de defrontar a própria angústia, para além do que qualquer mera explicação sucinta e compreensiva pudesse jamais em si mesma encerrar. A forma como Lacan se apodera disso parece, por sua vez, estar mais do que clara: ele poderá afirmar a partir disso o que o objeto da angústia não é, a saber, que ele não é nada, donde deriva seu bordão “ela não é sem objeto” (Lacan, 2005, p. 101).

IV O que não se pode concluir

Certamente não é aqui que se encerra a relação desses grandes pensadores do século XX (o dinamarquês, por mais que não tenha posto os pés neste século, pertence mais a ele do que muitos do que nele materialmente existiram) e em diversos outros exemplos poder-se-ia pensar a relação estreita ao mesmo tempo que tensionada entre os dois, como quando em *Doença para morte* diz Kierkegaard: “Ninguém pode ver *a si próprio* em

um espelho, sem se conhecer previamente, caso contrário não é ver-se, mas apenas ver alguém.” (Kierkegaard, 2010, p. 54), ou então quando afirma que “toda inocência, não obstante a sua paz e segurança ilusórias, é angústia, e jamais a inocência sente maior temor do que quando a sua angústia carece de objeto [...]” (*ibidem.*, p. 41); mas não há por que se deter ainda mais diante da angústia de não saber até que ponto vai a relação destes dois pensadores.

O mais importante, segundo pensamos, foi aqui exposto suficientemente, não segundo o conteúdo, mas certamente segundo a forma. A estes dois ganchos ofertados como elos possíveis entre formulações ao cabo muito distintas acerca da angústia, mas cuja profunda confluência nem mesmo Lacan é capaz de negar ou mesmo deixar de constatar, certamente — como já dito — poder-se-iam adicionar muitos outros, como o sentido da liberdade satisfatoriamente tratado naquela formulação, mas nem tanto nesta; isto é para nossos atuais fins supérfluo.

Tratou-se aqui, portanto, de mostrar como a única coisa que se poderia jamais concluir é que há nesses dois autores alguma reprimenda ou mesmo desvalorização disto que há milênios é sentido e relatado seja poética seja praticamente: é necessário angustiar-se — a incontornabilidade disso soa para nós como uma verdade intransigente, mas incontestável. Foi, como havia de se esperar, nos contos infantis que achou Kierkegaard para isso a sua resposta, a qual não poderia ter sido mais bem formulada. Reproduzo-a aqui:

Acha-se num dos contos de Grimm uma narrativa sobre um moço que saiu a aventurar-se pelo mundo para aprender a angustiar-se. Deixemos esse aventureiro seguir o seu caminho sem nos preocuparmos [em saber] se encontrou

ou não o terrível. Ao invés disso, quero afirmar que essa é uma aventura pela qual todos têm de passar: a de aprender a angustiar-se, para que não se venham a perder, nem por jamais terem estado angustiados nem por afundarem na angústia; por isso, aquele que aprendeu a angustiar-se corretamente aprendeu o que há de mais elevado. (Kierkegaard, 2013, p. 161)

REFERÊNCIAS:

HORÁCIO (Quintus Horatius Flaccus). **Odes. Edição bilingue.** Tradução, introdução e notas: Pedro Braga Falcão. — São Paulo, SP: Editora 34, 2021 (1ª Edição).

KIERKEGAARD, S. **O desespero humano (Doença até a morte).** Trad: Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

KIERKEGAARD, S. **O conceito de angústia.** Trad: Álvaro Luiz Montenegro Valls. 3. ed. — Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda.; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 10: a angústia.** Trad. Vera Ribeiro. — 1ª edição, 12ª reimpressão — Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

MURTA, C. **A angústia no caminho da desvalorização do desejo.** In: Revista AdVerbum 5 (2): Ago a Dez de 2010: pp. 61-68.

ROSS, J. **10 lições sobre Kierkegaard.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda., 2021.